

Demasiada Presença¹

Christine Mello² (coordenadora) - FASM - Faculdade Santa Marcelina

Ananda Carvalho³ - MIS - Museu da Imagem e do Som

Cláudio Bueno⁴ - USP - Universidade de São Paulo

Denise Agassi⁵ - FASM - Faculdade Santa Marcelina

Resumo

Trata-se do debate em torno dos conceitos abordados na exposição *Demasiada Presença*, realizada na Escola São Paulo com curadoria de Christine Mello, texto crítico de Ananda Carvalho e trabalhos dos artistas Claudio Bueno, Denise Agassi e Lucas Bambozzi. Os conceitos apresentados dizem respeito às práticas artísticas em meios tecnológicos que ao incorporarem as redes de trocas online e os dispositivos de comunicação móvel intensificam o desejo de presença, de tomar contato. Referem-se, com isso, a uma nova dimensão do sujeito no espaço, conectado a temporalidades simultâneas. A natureza presencial é transitória, híbrida, entre a presença física e a virtual, entre o lugar fixo e o móvel, acentuando processos de interação entre diferentes espaços. Deste modo, a exposição produz desarticulações e estranhamento no modo como normalmente acessamos os espaços cotidianos e imaginários.

Palavras-chave

Arte; Transmissão; Net art; Espaço; Mídias Móveis;

¹ Proposta de mesa temática apresentada ao eixo temático “Estéticas e ciberarte”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Pesquisadora, curadora e crítica de arte. Com pós-doutorado em Artes Plásticas pela ECA-USP, doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora do Mestrado em Artes Visuais da FASM e da FAAP-Artes Plásticas, coordena o Grupo de Pesquisa arte&meios tecnológicos (CNPq/FASM). Autora do livro *Extremidades do vídeo* (Ed. Senac, 2008), é uma das curadoras do programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais 2008-2009. Suas mais recentes curadorias são *Demasiada Presença* (Escola São Paulo) e *Espaço em relação: fluidez e simultaneidade* (MAM - Bahia), ambas realizadas em 2009. chris.video@uol.com.br

³ Pesquisadora, crítica de arte, curadora e produtora multimídia. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e especialista em Criação de Imagem e Som pelo SENAC-SP. Pesquisadora do grupo arte & meios tecnológicos (CNPq / FASM) desde 2007. Curadora da exposição [das imagens às coisas] realizada na Escola São Paulo (2009). Escreveu textos críticos para o Canal Contemporâneo, site em que também foi editora. Atualmente é editora do site do Museu da Imagem e do Som. anandacarvalho@gmail.com

⁴ Artista, mestrando em Artes Visuais na ECA-USP e residente do LabMIS. Em 2009, ganhou o Rumos de Arte Cibernética do Itaú Cultural e foi indicado ao Prêmio Sérgio Motta. Exibiu seus trabalhos nas exposições *Grau Zero* no Paço das Artes, *Demasiada Presença* na Escola São Paulo (grupo A&M Tecnológicos / FASM), *Instinto* na #8 Art na UNB (grupo Poéticas Digitais / USP) e estará no Mobilefest. Com o grupo Lat-23, ganhou o Rumos Webdocumentário e participou do Transitiomx / México. claudio.bueno@gmail.com

⁵ Artista multimídia, atua no campo da fotografia, videoarte e net art. Mestre em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina - FASM (2007 / 2009). Bacharel em Artes Plásticas pela Faculdade Armando Alvares Penteado - FAAP/SP (1997/2001). Participa do grupo de pesquisa arte&meios tecnológicos (CNPq/FASM) desde 2007. Integrante do grupo de remapeamento urbano e criação coletiva Lat-23 desde 2008. agassi_denise@yahoo.com.br

Proposta da mesa

Demasiada Presença

Exposição com: Claudio Bueno, Denise Agassi e Lucas Bambozzi

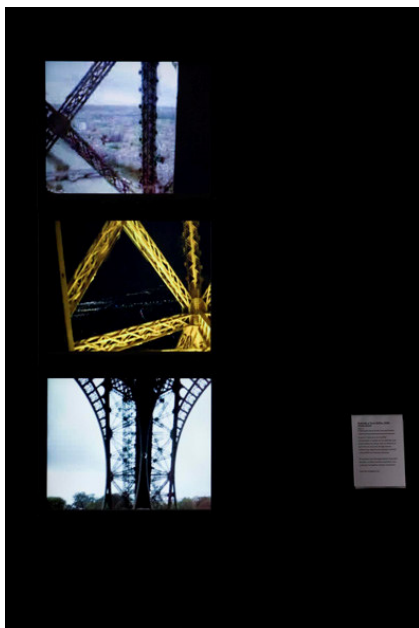
Curadoria: Christine Mello

Texto Crítico: Ananda Carvalho

Durante as últimas décadas, as experiências artísticas com os meios tecnológicos ampliam a noção de presença ao incorporarem as redes de trocas de transmissão online e os dispositivos de comunicação móvel. Elas referem-se, com isso, a uma nova dimensão do sujeito no espaço. Traz-nos a dimensão de um espaço conectado a temporalidades simultâneas, cuja natureza presencial é transitória, híbrida, entre a presença física e a virtual, entre o lugar fixo e o móvel. Acentuam processos de interação entre diferentes espaços.

As experiências da arte nesse contexto promovem ações em espaços fluídos e intensificam o desejo de presença, de tomar contato. Seus sentidos associam a vontade de estar conectado à coexistência da esfera pública-privada. No conjunto de trabalhos que fizeram parte desta exposição realizada na Escola São Paulo em maio de 2009, a presença é processada de forma entrópica. Por meio dos circuitos midiáticos, ela produz desarticulações e estranhamento no modo como normalmente acessamos esses espaços cotidianos e imaginários.

Subindo a Torre Eiffel ou dans l'ascenseur de la Tour Eiffel



Subindo a Torre Eiffel, Denise Agassi, 2009

Nesse contexto, *Subindo a Torre Eiffel*, de Denise Agassi (2009), hibridiza imagens que circulam nas redes sociais e nos álbuns virtuais (como os do *Google Imagens* e do *Flickr*), tornando visível a nossa presença em seus sistemas indexadores. Essa net art consiste na apropriação de banco de dados online e na criação de um algoritmo que localiza vídeos no *Youtube* em tempo real, por meio de um conjunto de *tags*⁶ em vários idiomas que indicam a presença de turistas subindo a Torre Eiffel. O trabalho é apresentado em três monitores exibindo o resultado de uma edição que é modificada constantemente de acordo com os novos vídeos postados na internet. Desse modo, os arquivos online tornam-se matéria prima para composição de um outro audiovisual. O vídeo não tem começo nem fim. É um sistema vivo que apresenta o próprio fluxo informacional da rede que o agencia. Quando um vídeo é depositado nos bancos de dados online com uma das *tags* que compõem esta net art, a programação pode localizar este vídeo e re-apresentá-lo. A fluidez da presença aparece aqui e considera também o conceito de apropriação, na medida em que o realizador do vídeo pode não conhecer essa net art.

Denise parte de uma “imposição” contemporânea em que uma viagem, ou qualquer vivência, só é válida se for fotografada, filmada e postada na web. O turista precisa registrar

⁶ As tags são palavras-chave que definem o conteúdo de um arquivo para os buscadores (*Search Engines*), possibilitando que os arquivos sejam localizados na rede. Dizem respeito aos métodos de organização, acesso e visibilidade das informações na internet.

essa espécie de “conquista” de visitar um monumento. Desse modo, as amostras de monumentos acessíveis nos bancos de dados *online* constituem-se de informação e arquivo. Tais amostras são descontínuas no espaço-tempo: elas são como vestígios de memórias, versões de monumentos misturados, processados e conectados pelo fluxo da rede.

Fotografar-se em frente a um monumento sempre foi um ato previsível por parte dos turistas, mas com a advento da internet e sua confluência com as mídias móveis, em que aparelhos celulares são habilitados a acessar e distribuir conteúdos audiovisuais a partir de espaços públicos e em deslocamento, o turista pode também compartilhar os momentos de sua viagem, no tempo *em direto* das transmissões, fazendo destes registros e resquícios de viagem, documentos que provam a sua presença nos lugares turísticos. Esta documentação de tudo em tempo integral, compartilhada e “localizada” na rede e no espaço geográfico, começa a sinalizar a sua perversidade sob a lógica da web 2.0, ao verificarmos, por exemplo, o surgimento de grandes instituições que se estabelecem sob a utilização deste conteúdo produzido gratuitamente pelos usuários da rede.

A exibição de *Subindo a Torre Eiffel* em três monitores justapostos na vertical evidencia que vídeos realizados por diferentes pessoas de distintas nacionalidades apresentam uma perspectiva semelhante da mesma experiência. Entretanto, se por um lado, são exibidos vídeos que apresentam conteúdos homogêneos, por outro, aparecem imagens que não são “fiéis” às *tags* que os representam, mas a significados particulares definidos pelos usuários, evidenciando a inexistência de um sistema fechado de classificação destes arquivos. Na internet, não existe uma metalíngua universal que nos ajude a traduzir, localizar e sintetizar a informação de forma aberta e colaborativa. Nesse sentido, em meio às formas vigentes de indexação subjetivas e à falta de consciência do usuário sobre o uso colaborativo da rede, muita informação se perde, torna-se ruidosa e por vezes dispensável, desencadeando assim, novas problemáticas de ordem comunicacional.

Desse modo, as *tags* fazem emergir noções que sempre estiveram escondidas por trás do conceito de documento. O documento, do latim *documentum*, significa, segundo o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, “título ou diploma que serve de prova, declaração escrita para servir de prova” (Cunha, 1986: 274). Essa definição, que permeou a história do documentário, foi questionada por alguns artistas e cineastas do século passado e ganhou fôlego com a produção documental contemporânea. Entretanto, a relação de veracidade com o documento permanece implícita no imaginário cultural.

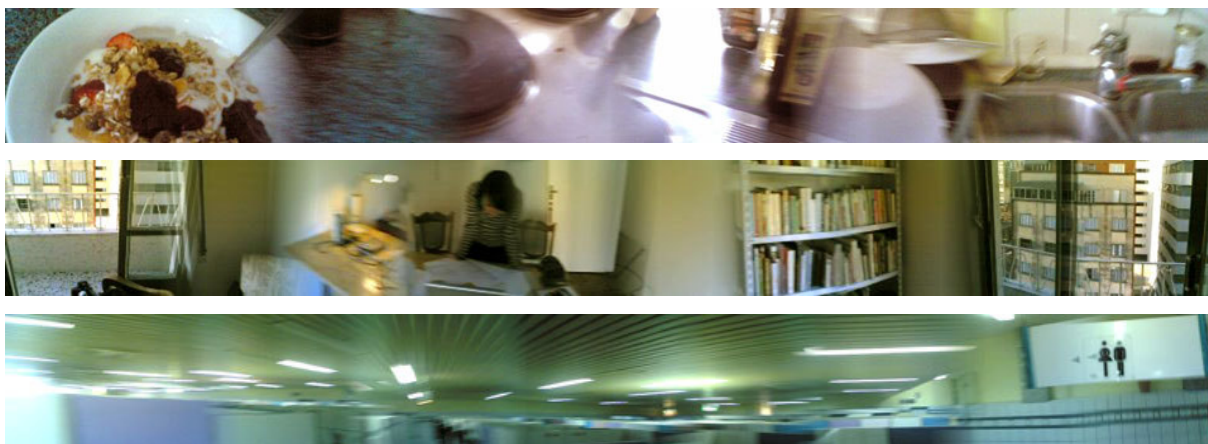
As tags e suas respectivas subjetividades de nomeação nos chamam à atenção para a memória construída. O questionamento dessa experiência foi apresentado também no projeto *YouTAG*⁷ (Lucas Bambozzi, 2008) referência para o estudo do trabalho de Denise Agassi. *YouTAG: gerador e de-indexador de vídeos online* é uma net art que ao solicitar ao público que escolha palavras, títulos e frases, ativa um sistema que busca no Youtube três vídeos relacionados e os reedita. Algumas vezes, o sistema troca inadvertidamente a palavra escolhida pelo usuário por uma outra. Outras vezes, mesmo sob a utilização exata da tag escolhida pelo usuário, os vídeos surpreendem pelas relações que estabelecem entre palavra buscada e resultado obtido. Desse modo, o trabalho “propõe um deslocamento do estatuto de estabilidade associado aos tags e sistemas indexadores” (Bambozzi, 2008).

Se são estas palavras chaves que deveriam apontar os caminhos no enorme banco de dados online que nos rodeia, se são elas que organizam os milhares de documentos vivos que são produzidos a todo instante na web, chega-se a um embaralhamento do conceito de documento. Às forças sociais e culturais, que o historiador Jacques Le Goff (2003) listou para configurar o documento como monumento, somam-se às escolhas pessoais. Deste modo, pode-se perguntar: "Em tempo de tags, metatags e indexadores de busca, o quê é o nome da 'coisa' e o quê é o nome possível da representação da 'coisa'?" (Bambozzi, 2008). Por fim, nos questionamos: quais os novos contornos às noções de documento?

Subindo a Torre Eiffel questiona as formas de indexação como um procedimento que define a circulação das informações na rede, exibindo como resultados principais, aquilo que considera mais relevante. Em geral, os resultados das pesquisas apresentam uma homogeneização imagética e de duplicações das mesmas formas de ver determinados assuntos, produzindo imagens-clichês que fazem emergir, neste caso, o comportamento do turista frente às novas mídias.

⁷ Projeto contemplado pelo Rumos Itaú Cultural Arte Cibernética 2006/2007 na categoria Produção de Obra em Arte e Tecnologia. Foi exposto no Emoção Art.ficial 4.0.

Panorâmicas Contidas



Panorâmicas Contidas, Lucas Bambozzi, 2009

Lucas Bambozzi em *Panorâmicas contidas* produz imagens panorâmicas de ambientes da vida privada, obtidas com celular. Promove, com isso, um estreitamento de visão como que relacionado à vontade de dar contorno e demarcação a esses lugares ordinários e cotidianos, aqui compilados por meio de fragmentos que exibem salas de espera, restaurantes, cômodos de uma residência, etc. Ao invés de alargar a nossa presença nesses lugares, o artista nos coloca nestes espaços por meio de frestas, como possíveis aberturas para acessá-los. Como define o artista, são “ambientes privados fora de seus domínios”⁸.

O artista ressalta que nossa visão não alcança mais toda a panorâmica, elas parecem ter ficado restritas. O plano fechado comum às fotos de celular encontra ressonância em nossa própria forma de olhar a paisagem cotidiana. O todo que a metáfora de panorama engloba talvez seja uma utopia. E o espaço contemporâneo seja mesmo percebido em pequenas partes, que se repetem, misturam-se, confundem-se. Assim como sugere o formato de organização de *Panorâmicas Contidas* no espaço expositivo.

Esta abordagem estética, que poderíamos considerar como uma reinterpretação do cotidiano, permeia diversos trabalhos do artista Lucas Bambozzi: *O fim do sem fim* (em parceria com Cao Guimarães e Beto Magalhães), *Do outro lado do rio*, *O tempo não recuperado*, *Cartões Postais*, entre outros. Em todos eles, os índices da realidade são matérias primas para formalizar suas criações.

A linguagem da mobilidade vista pelas câmeras de celulares permite aproximar o documentar do criar. A imagem torna-se um lugar que não existe. Evidencia abstrações

⁸ Trecho da fala do artista apresentada na abertura da exposição *Demasiada Presença* em maio de 2009

subjetivas que utilizam e reinventam as técnicas possibilitadas por uma câmera ou um software de edição. Opera-se sob os desvios do uso habitual dos dispositivos. Ou seja, não espera-se que fotografias panorâmicas sejam captadas através do celular, e muito menos, que enfoquem ambientes fechados. As paisagens tratadas aqui, tornam-se, então, paisagens recriadas.

Casa Aberta



Casa aberta, Claudio Bueno, 2009

Em *Casa Aberta*, Claudio Bueno questiona como os lugares se modificam a partir das transmissões online, tornando-os, muitas vezes, vazios e demasiadamente acessíveis. Numa espécie de consentimento perverso, promove interação do público com a sala da sua casa, permitindo que o outro, a partir de uma ligação de celular, acione a troca de canais de sua televisão e invada a sua privacidade. Por meio da intermitência entre o espaço pessoal e o coletivo, realoca a presença do outro em seu espaço de intimidade.

Ao colocar uma câmera apontada para um dos lados de sua sala, o artista redefine os espaços da sua residência, criando uma linha imaginária, onde, passar para o lado transmitido online seria colocar-se em espaço público, e, optar por estar fora do ângulo de visão da câmera, seria o espaço privado. Borram-se, desta maneira, os limites entre um espaço e outro, sobrepondo e colocando-os a coexistirem tanto na galeria quanto dentro da residência e nas diversas outras casas que acessam o trabalho na internet.

Após o encerramento da exposição, Claudio Bueno comenta a experiência artística: “assistir à televisão passava a ser um jogo entre o que eu queria ver e o que as pessoas queriam que eu visse, ou não visse”; assim como acontece na sala de TV de uma família, quando há apenas uma televisão, é necessário optar por um canal comum. A presença destas pessoas que decidiam qual canal deveria ser visto, era ao mesmo tempo virtual e física, disparando comandos eletrônicos na televisão. Deste modo, ver um canal, era considerar que por trás daquela programação, havia uma pessoa assistindo junto ou observando as suas reações.

Entre o incômodo e o conforto de estar acompanhado, o trabalho chama a atenção para a incorporação quase imediata de dispositivos conectados pelas pessoas no cotidiano contemporâneo, onde, aos poucos, perde-se o controle entre estar *on* ou *offline*. Seja numa reunião, na sala de aula, dormindo ou num jantar, nos mantemos conectados, *everytime*, *everywhere*, criando assim, brechas consentidas de presença do outro.

Se até pouco tempo atrás, o espaço da residência podia ser considerado como um lugar fechado e protegido, como procuram evidenciar os condomínios residenciais e seus modos de segurança privada, as novas possibilidades de transmissão abrem brechas nestes espaços, que ao receberem interferências externas, urgem por redefinições. Dentre estas interferências, é afetado o espaço político e patriarcal, visto, por exemplo, pelo filho que não tira mais suas dúvidas com o pai, mas com os buscadores online, ou ainda por suas novas formas de relacionamento afeto-conectivas. A presença física do filho em casa, não garante mais a proteção e o controle. Os lugares permeados pelas transmissões dos celulares e pela internet, amolecem⁹, vistos até então, como rígidos e mensuráveis e de limites bem definidos.

Sob a lógica da computação ubíqua¹⁰ e pervasiva¹¹, temos aqui, juntamente às teorias do controle, o descontrole, ou seja, os objetos e as coisas físicas do mundo, deixam de ser ensimesmados. São dotados agora de conexões, deslocam e desestabilizam o sujeito do espaço e tempo seguros, previsíveis e mensuráveis. Expandem os seus lugares de ação, nos colocando definitivamente num espaço de simultaneidade, de relações com o espaço que não se encerram em sua materialidade física, mas também o espaço virtual que sobrepõe novas camadas de espaços e tempos efêmeros.

⁹ Termo apropriado da obra *Lugares Moles* do artista Jorge Menna Barreto.

¹⁰ Computação ubíqua diz respeito à permanência constante de conexão por toda parte, onipresente.

¹¹ Computação pervasiva ou *pervasive systems*: apesar de não existir o termo *pervasivo* em português, é normalmente associado a um tipo de computação que se infiltra, penetra, se espalha e se torna difusa em meio aos objetos e espaços cotidianos.

Em *Casa Aberta*, a imagem transmitida pelo artista é uma imagem em que muito pouca coisa acontece para além das variações da televisão e da luz do dia. Em geral, a sala está vazia. Deste modo, o trabalho revela uma das principais características dos novos meios *online*, que diz respeito à presença do outro enquanto potência, independente daquilo que é representado na superfície da imagem. Estar conectado via internet ou celular, já conforta sob a idéia de fazer parte de uma rede ou da possibilidade de uma conexão que se efetive.

O trabalho permite observar também a convergência de sobreposições de meios de transmissões, em que a imagem da televisão e sua edição frenética é vista dentro da imagem banal, lenta e de baixa qualidade da internet e recebe inputs eletrônicos e digitais das ligações de celular.

Por fim, *Casa Aberta* sugere a reflexão em torno de nossas conflituosas relações mistas e às vezes paradoxais, que envolvem, o público e o privado, o físico e o virtual, estar *on* e *offline*, presente ou ausente.

Considerações finais

No século XXI, essas obras questionam o estatuto da presença ao mesmo tempo em que retomam o sujeito biográfico, reconfigurando sentido às imagens banais e reconduzindo a novos patamares relações existentes entre memória pessoal e memória coletiva. Chamam atenção do excesso de presença na vida contemporânea e pedem, com isso, movimentos sutis, pequenos gestos, por meio de redundâncias, frestas e vazamentos do espaço privado ao público.

Essa exposição fez parte da série **Encontros com Arte** que reuniu artistas e curadores do grupo de pesquisa arte&meios tecnológicos (CNPq/FASM), que integra o mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina. Os membros do grupo são: Christine Mello (coordenação), Ana Paula Lobo, Ananda Carvalho, Carolina Toledo, Cláudio Bueno, Denise Agassi, Eduardo Salvino, Josy Panão, Lucas Bambozzi, Marcelo Salum, Mariana Shellard, Monique Allain, Nancy Betts e Paula Garcia. O grupo, formado em 2007, investiga os processos artísticos tendo em vista uma posição crítica e experimental no campo das mediações tecnológicas. Aqui a reflexão e a criação estreitam suas relações.

Resumos

Christine Mello

Demasiada Presença

Durante as últimas décadas, as experiências artísticas com os meios tecnológicos ampliam a noção de presença ao incorporarem as redes de trocas de transmissão online e os dispositivos de comunicação móvel. Referem-se, com isso, a uma nova dimensão do sujeito no espaço. As experiências artísticas aqui reunidas traz-nos a dimensão de um espaço conectado a temporalidades simultâneas, cuja natureza presencial é transitória, híbrida, entre a presença física e a virtual, entre o lugar fixo e o móvel. Acentuam processos de interação entre diferentes espaços.

Ananda Carvalho

O documentar e as experiências digitais em Demasiada Presença

Considerando as relações e as ações humanas no viver tecnológico contemporâneo, pode-se observar reconfigurações do documento e da ação de documentar. E também, aproximar esses conceitos com a mobile arte, a net art e a instalação. Procuro repensar esses temas a partir de algumas questões que permeiam as experiências estéticas digitais: o “ao vivo”, a interação móvel, os bancos de dados e a reinterpretação do cotidiano. Essas quatro experiências estéticas estão presentes nos trabalhos de Claudio Bueno, Denise Agassi e Lucas Bambozzi que compõem a exposição *Demasiada Presença*.

Cláudio Bueno

Casa Aberta: práticas artísticas na arte e mídia online

Apresentação do trabalho *Casa Aberta, 2009* de minha autoria, exibido na exposição *Demasiada Presença*. O trabalho será analisado a partir das noções de presenças habilitadas pelos meios de transmissão como a televisão, o celular e a internet (webcams, mensagens instantâneas, etc). Estas presenças, serão debatidas não apenas no âmbito da comunicação verbal e imagética, mas sob as possibilidades de integração entre sistemas digitais, eletrônicos e analógicos, que passam a atuar também na reconfiguração e transformação de espaços físicos remotamente, em presenças que se efetivam não somente em sua imaterialidade, mas também em objetos dotados de alguma inteligência.

Denise Agassi

Subindo a Torre Eiffel ou dans l'ascenseur de la Tour Eiffel

Apresentação da net art *Subindo a Torre Eiffel* que consiste na construção de um vídeo online gerado em tempo real, a partir de um conjunto de tags em diversos idiomas, sobre pessoas subindo a Torre. O trabalho aponta para questões de indexação de conteúdo online, dos novos modos de registro, distribuição e relações com o espaço físico e virtual.

Referências bibliográficas

Bibliografia citada

BAMBOZZI, Lucas. **YouTAG sobre**. 2008. Disponível em <http://www.youtag.org/teste/sobre.php>. Acesso em 16/08/2009.

CUNHA, Geraldo Antonio da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1994. LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Bibliografia das comunicações

ARANTES, Priscila. **@rte e mídia: perspectivas da estética digital**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

BUENO, Claudio. **Concepções de espaço: do Renascimento às Realidades Mistas**. São Paulo: Revista eletrônica Arte.mov, 2007. Disponível em: <http://www.artemov.net/page4/revistas.php?edition=13&article=48>. Acessado em 2009

CARVALHO, Ananda. **O documentar e as estéticas digitais**. Canal Contemporâneo, 2009. Disponível em <http://www.canalcontemporaneo.art.br/arteemcirculacao/archives/002253.html>. Acesso em 12/10/2009.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa-preta**. São Paulo: Hucitec, 1985

FOUCAULT, Michel. **De Outros Espaços** (1967), Heterotopias. Dits et écrits 1984, Des Espaces autres (Conferencia no Cercle d'études architecturales, 14 de março 1967). In: **Architecture, mouvement, continuité**, nº5, out. 1984, p. 46-49

_____. **De outros espaços**. E-zine. Publicação original: 1998, versão revisada: 11 de fevereiro de 2005. Disponível em: <http://virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html> Acesso em: 22 nov. 2008.

KAC, Eduardo. **Telepresence & Bio Art: Networking Humans, rabbits, e Robots**. Michigan: Michigan Press, 2005.

LEMOS, André. “Mobile Communication and new sense of places: a critique of spatialization in cyberculture” in **Galáxia** (PUCSP), v. 16, pp. 91-10, 2008.

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT, 2001.

_____. **Database as a Symbolic Form**. Disponível em: <http://transcriptions.english.ucsb.edu/archive/courses/warner/english197/Schedule_files/Manovich/Database_as_symbolic_form.htm>. Acesso em: 13 nov. 2009.

MELLO, Christine. **Extremidades do Vídeo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

_____. **Demasiada Presença** (texto curatorial). São Paulo: 2009.
Disponível em: http://www.escolasaopaulo.org/exposicoes/exposicoes/arte-meios-tecnologicos/copy_of_das-imagens-as-coisas Acessado em 19/07/2009.

MENEZES, Philadelpho (Org.). **Signos Plurais – mídia arte cotidiano na globalização**. São Paulo: Experimento, 1997.

PRADO, Gilberto. **Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

VESNA, Victoria. **Database Aesthetics: Of Containers, Chronofiles, Time Capsules, Xanadu, Alexandria and the World Brain**. Disponível em: <http://vv.arts.ucla.edu/AI_Society/vesna_essay.html>. Acesso em: 13 nov. 2009.